08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

# Abordagens Feministas, Gênero, Microagressões de Gênero e sua relação com a organização

**MARCELLE PERES ALMEIDA**
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

**BRUNA GRACIANO DE PAIVA FRAUCHES**
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

**ANA CAROLINA RIBEIRO**
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

Agradecimento à orgão de fomento:
Agradecemos a universidade por todo apoio nos estudos e nas pesquisas.

**Abordagens Feministas, Gênero, Microagressões de Gênero e sua relação com a organização**

## 1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste ensaio deu-se, em grande parte, pela reflexão das autoras a respeito de assuntos relacionados ao universo feminismo, assuntos esses que têm sido cada vez mais abordados de forma aberta na sociedade e no ambiente organizacional, motivados em muita das vezes por desigualdades, pressões e políticas sociais, assim como pela própria globalização em si, a forma de ensaio teórico foi escolhida pois proporciona que o autor "apresente fragmentos de pensamentos, reflexões iniciais e parciais, sem cair na necessidade de apresentar um sistema completo de pensamento" (Meneghetti, 2011).

Segundo Costa (2004, p. 23), "Os feminismos, ainda que tão diferentes em suas trajetórias, mostram sua vitalidade e enorme força de propagação de ideias libertárias e igualitárias nos momentos em que o poder social das mulheres, em luta por esse ou aquele direito social, vem a público".

Estruturado a partir de temas ligados às abordagens femininas, esse ensaio teórico tem como objetivo trazer uma reflexão para os temas ligados ao universo feminino, como abordagens feministas, entrando em seu contexto social e organizacional, ligando o assunto principal aos temas relacionados ao feminismo, opressão, desigualdades, trazendo um pouco da sua história no Brasil e no mundo, assim como os principais nomes, segundo Moura e Nascimento (2021, p. 2) as "questões de gênero pautam a percepção das diferenças entre os sexos, sendo uma construção mental significativa para a demarcação de relações de poder", além de abordar temas como as microagressões de gênero ligadas a essas mulheres. Ainda de acordo com Saffioti (2015, p. 75), "A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais".

No referencial teórico, são abordados temas ligados ao Feminismo trazendo um breve resumo de como esse movimento se iniciou no mundo e posteriormente na sociedade brasileira, além de buscar trazer os nomes de grande relevância na luta em prol do movimento feminista, também são abordados alguns conceitos sobre o feminismo e as abordagens feministas, que segundo Costa (2004),

> no Brasil, com e sem incorporação das revisões propostas pelo conceito de gênero, os estudos feministas têm se organizado em torno de dois objetos, regularmente tomados em separado: o feminismo – conceituado como o dos movimentos organizados de mulheres, quaisquer que sejam suas abordagens – e a história das mulheres voltada para a intimidade da vida e do trabalho doméstico (COSTA, 2004, p.26)

A respeito da teoria feminista, segundo Butler (2021, p. 17), traz que o feminismo presume "que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação politica é almejada".

Dando sequência, em tratando-se de gênero é realizada a abordagem a partir das antigas teorias gregas, que são pautadas também na mitologia grega e nas ideias de Foucault sobre o

tema, fazendo uma distinção sobre gênero e sexualidade e outras construções sociais envolvidas nesse contexto, seguido por formas de preconceitos contra o gênero feminino.

Nesse sentido, o texto também visa chamar atenção para um tema importante no contexto feminino, que são as chamadas microagressões de gênero. Falar sobre as microagressões sofridas pelas mulheres é também dar foco às violências que as mulheres em todo mundo sofrem diariamente e são tratadas como sendo algo normal e corriqueiro em nossa sociedade. A partir da explanação deste fato, busca-se trazer alguns conceitos a respeito de temas como violências estruturais, vieses inconscientes e violências psicológicas.

Ainda nesse contexto, conforme traz os autores Carrieri, Souza e Aguiar (2014, p. 80), "As formas de violência instauradas em nossa sociedade são muitas. A normalidade, ou o que é dito normal e aceito como tal, faz com que vários grupos sejam excluídos e vistos como sendo anormais, objetos, em função de seus corpos". Também são abordados conceitos ligados principalmente ao ambiente corporativo como, por exemplo, *Mansplaning, Manterrupting, Gaslighting e Bropriating.*

Em suma, o presente ensaio teórico visa abordar três temas que são correlacionados, sendo eles o feminismo, o gênero e as microagressões de gênero, a fim de explicar seus conceitos e como estes são percebidos dentro das organizações. Este ensaio tem por estrutura a fundamentação teórica, que aborda os três temas principais; a metodologia, que explica como foi feita a busca e seleção do material bibliográfico usado neste ensaio teórico; a análise dos temas abordados percebidos na organização; e por fim, a conclusão.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Feminismo

Para compreender o feminismo, é importante olhar para a história e perceber todas suas etapas de crescimento e conquistas. Segundo Araújo, Heber e Batista (2020) os movimentos feministas se iniciaram no século XIX, em todo o mundo, quando as mulheres começaram a organizar grupos que tinham o objetivo de reivindicar condições justas de trabalho e direitos igualitários. Os autores ainda afirmam que, a partir desses movimentos e, principalmente, depois das duas Guerras Mundiais, as mulheres alcançaram seu espaço dentro das organizações de família e dentro das fábricas.

O Brasil acompanhou o movimento feminista que acontecia no mundo, e, de acordo com Costa:

> O feminismo brasileiro, e também o mundial, de fato mudou, e não mudou somente em relação àquele movimento sufragista, emancipacionista do século XIX, mudou também em relação aos anos 1960, 1970, até mesmo 1980 e 1990. Na verdade, vem mudando cotidianamente, a cada enfrentamento, a cada conquista, a cada nova demanda, em uma dinâmica impossível de ser acompanhada por quem não vivencia suas entranhas. No movimento feminista a dialética viaja na velocidade da luz. (COSTA, 2003, p.1)

Assim, é possível perceber que, desde os primeiros movimentos, a luta feminista ganhou força quase que mundialmente, pois ainda existem alguns países até hoje que ainda não reconheceram os direitos das mulheres. Porém, em grande parte do mundo, onde o movimento foi reconhecido, é considerado legítimo e atravessador de décadas, trazendo mudanças sem precedentes para sociedade e fazendo com que sua vitória e permanência fossem inquestionáveis (DUARTE, 2003).

O termo feminismo perdura na sociedade por um tempo. A autora Barba explica que:

> O termo "feminismo" tem suas origens na França e desde o final do século XIX tornou-se popular como sinônimo de emancipação das mulheres, principalmente associado ao direito de voto e à participação política. Existem diferentes teorias sobre quando usou pela primeira vez a palavra exata. Durante muito tempo ela foi atribuída ao socialista francês Charles Fourier, que em 1808 já promovia a igualdade entre mulheres e homens, juntamente com outras de suas principais linhas de defesa, como o cooperativismo e o anticapitalismo. Fourier empregou o neologismo feminisme em 1837, de acordo com a cientista política Leslie F. Goldstein, especialista em direitos das mulheres. Segundo essa teoria, seria a feminista francesa Hubertine Auclert, sufragista ativa e fundadora do jornal "A Cidadã" em 1881, quem popularizou a palavra. (BARBA, 2014, p.2)

Atualmente, no século XXI, pode-se observar a história e destacar alguns nomes que foram, e são, de grande relevância para a luta. De acordo com a Revista Galileu (2020) alguns nomes que podem ser mencionados, entre tantos que existem, são Simone de Beauvoir, grande filosofa francesa que produziu ensaios e livros sobre o sexo feminino, Angela Davis, uma professora e filósofa dos Estadus Unidos que militava pelos direitos das mulheres e contra a discriminação em seu país, Djamila Ribeiro, filósofa brasileira conhecida por seus trabalhos relacionados ao feminismo negro, e Chimamanda Ngozi Adichie, escritora da Nigéria conhecida por suas obrar que tratam sobre equidade de gênero.

Costa (2003) caracteriza o movimento feminista como um movimento social e moderno com o objetivo de defender os ideais de gênero, das mulheres, indagando os sistemas políticos e culturais que vivemos, que tem, como um de seus objetivos, discutir os direitos das mulheres na sociedade. A autora ainda destaca que, as influências deste movimento criam novas práticas, condutas, conceitos e dinâmicas para a sociedade.

Segundo Afkhami e Eisenberg (2010, p. 138) o feminismo é uma "crença, doutrina e movimento social para promover a igualdade política, legal, econômica e social entre as mulheres e os homens".

Cabe ainda ressaltar as características particulares do feminismo negro. Para Ribeiro (2016) a mulher negra possui frustrações maiores ainda pelo fato de serem, além de mulher, negras. Para a autora, esta interseccionalidade fazia com que os objetivos de luta das mulheres brancas fossem diferentes das negras, e assim, as mulheres negras precisam ter sua história contada, com o objetivo de alcançar seus objetivos. A autora ainda traz a consciência deste acontecimento ser baseado em uma vertente histórica de opressão, atentando a importância da discussão deste assunto a fim de que a mudança na sociedade possa, de fato, acontecer.

### 2.2.1 As abordagens feministas

Em seus estudos, Cerchiaro, Ayrosa e Zouain (2009) abordam a teoria feminista com uma visão administrativa, objetivando o recorte deste ensaio teórico. As autoras apresentam sete tipos de abordagens explicando desde sua origem até a sua aplicação. As sete abordagens apresentadas pelas autoras são: a liberal, a radical, a psicanalítica, a marxista, a socialista, a pós-moderna e a multicultural. Assim, este artigo se baseia em alguns fatos históricos, e assuntos sobre a sociedade, para criar seu raciocínio e levar conhecimento sobre as diferenças e similaridades entre cada um deles.

Apoiadas em alguns autores, as autoras do artigo, que tem por título "A aplicação de abordagens feministas na pesquisa em administração" (2009), explicam brevemente cada um deles, sempre colocando em evidencia que sexo e gênero são conceitos diferentes. A primeira abordagem mencionada é a liberal, advinda dos séculos XVIII e XIX, baseada na teoria política, é de epistemologia positivista, e observava o sexo do indivíduo como uma característica da natureza da pessoa e o gênero era entendido como algo socialmente estabelecido (CERCHIARO; AYROSA; ZOUAIN, 2009).

Já na abordagem radical, iniciada nos anos 60, que possuía por tema central posição da mulher como subordinada do homem e que, por isso, buscavam condições melhores de trabalho (CERCHIARO; AYROSA; ZOUAIN, 2009). Existe também a abordagem psicanalítica, analisando o reconhecimento da identidade sexual como parte de um desenvolvimento pessoal e psicossexual de casa indivíduo (CERCHIARO; AYROSA; ZOUAIN, 2009).

Outras três abordagens também são citadas por Cerchiaro, Ayrosa e Zouain (2009), entre elas a abordagem marxista, decorrente da crítica de Karl Marx em relação à sociedade capitalista, adotando a visão da mulher como a classe oprimida. As autoras ainda comentam sobre a abordagem socialista, que surgiu nos anos 70 e tinha o objetivo de unir outras abordagens já existentes na época, e a abordagem pós moderna, que trazia a luz a questão do feminismo negro, fazendo com que as lutas feministas não fossem focadas apenas nas questões da mulher branca.

Por fim, a sétima abordagem, a abordagem multicultural, considerada por muitos pesquisadores e estudiosos, a abordagem mais importante das sete indivíduo (CERCHIARO; AYROSA; ZOUAIN, 2009). As autoras Cerchiaro, Ayrosa e Zouain (2009) caracterizam essa abordagem como uma abordagem de sociedade que se importa com o outro, e com as lutas do outro, não apenas com suas próprias lutas, onde as diferenças são respeitadas e as pessoas não faziam distinção de status melhores ou piores.

Para entender um pouco mais sobre esse tema, faz-se necessário introduzir um pouco mais sobre questões de gênero.

## 2.2 Questões de Gênero

A questão de gênero é tratada a séculos na mitologia, filosofia e em todas as áreas da sociedade, ao longo das eras foram levantados diversos discursos e teorias associados a mulher e sua capacidade reprodutiva (NOGUEIRA, 2001). Embora a mitologia relacionada ao gênero seja algo muito antigo e discutido, a questão da discriminação de gênero também é, pois pensadores da antiguidade tratavam as individualidades da identidade feminina como um desvio, uma relação sem perfeição (NOGUEIRA, 2001).

Segundo Foucault (1979) o pensamento grego elevou a condição da figura masculina como aquele que provê as leis e a ordem, e a mulher foi associada à desordem, ou seja, simplesmente foi atribuído à mulher qualidades negativas que a impedem de participar da sociedade da mesma forma que a figura masculina participa.

Quando a questão de gênero é levantada, existem diversos pontos importantes que devem ser analisados, assim como o próprio conceito de gênero e sexualidade, que segundo Carloto (2001):

> A produção de nossa existência tem bases biológicas que implicam a intervenção conjunta dos dois sexos, o macho e a fêmea. A produção social da existência, em todas as sociedades conhecidas, implica por sua vez, na intervenção conjunta dos dois gêneros, o masculino e o feminino. Cada um dos gêneros representa uma particular contribuição na produção e reprodução da existência. A produção de nossa existência tem bases biológicas que implicam a intervenção conjunta dos dois sexos, o macho e a fêmea. A produção social da existência, em todas as sociedades conhecidas, implica por sua vez, na intervenção conjunta dos dois gêneros, o masculino e o feminino. Cada um dos gêneros representa uma particular contribuição na produção e reprodução da existência (CARLOTO, 2001, p. 201).

Ou seja, existem duas formas de se identificar a questão do gênero, primeiro como uma forma de identificação sexual e segundo como a construção cultural existente na sociedade. Carloto (2001) afirma que os gêneros existentes para a sociedade nada mais são que uma questão cultural construída através do tempo e da imposição cultural.

O gênero é tratado por Scott (1995), como uma indicação das construções sociais sobre o masculino e feminino, trata-se de uma categoria social aplicada em um corpo sexualizado. Trata-se de uma identidade subjetiva dos indivíduos. Para compreender as questões de gênero, é necessário ter consciência sobre a questão de identidade, ou seja, como o indivíduo identifica e como se vê. Reconhecer-se necessita acima de tudo ter um sentimento de pertencimento a determinado grupo (Louro, 2000).

E para Borges (2007, p. 509) "gênero pode ser entendido como o processo pelo qual a sociedade classifica e atribui valores e normas, construindo assim, as diferenças e hierarquias sexuais, delimitando o que seriam papéis masculinos e femininos".

Dessa forma, a discussão sobre gênero se estende para além do masculino e feminino e aborda outras questões, como a identidade sexual. Ou seja, a forma que o indivíduo se identifica, o que gera uma diferença para o padrão heteronormativo. Dessa forma, o conceito de sexo/gênero passa a se tornar mais complexo, podendo ser entendido como binário ou não binário.

> Por muito tempo entendido como algo binário com o qual você nasce e é diretamente associado ao seu sexo biológico, gênero na verdade é um conceito muito mais complexo e fluído. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, "sexo", se refere a características biológicas e psicológicas, que definem homens e mulheres, enquanto que "gênero" se refere a papéis, comportamentos, atividades e atributos construídos socialmente de acordo com o que uma sociedade considera "apropriado" para determinado gênero (WASCHBURGER, 2018, p. 3).

Em razão da imposição da sociedade patriarcal, comumente há a imposição da existência de apenas dois gêneros, em que o indivíduo deve automaticamente encaixa-se como do gênero masculino ou feminino, definidos normalmente pela genitália , entretanto, há indivíduos que fogem deste padrão que se identificam como agêneros, transgêneros, andróginos e de gênero fluido, havendo ainda outras diversas nomenclaturas em que podem se encaixar (BARBOSA et al, 2019).

A questão de gênero se estende à diversas ramificações, onde o gênero pode tornar-se algo fluido, Butler afirma que:

> Mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito (BUTLER, 2003, p. 24).

A situação dos grupos de travestis por exemplo, em que não se intitulam nem homens ou mulheres, fugindo do padrão masculino e feminino, há uma lacuna na literatura quando se trata de ternarismo (terceiro gênero), vale ressaltar que as travestis costumam identificar-se no feminino, porém, não se enquadram ou se veem como mulheres ainda que possuam desejos e aparência feminina (FREIRE, 2013).

Inicialmente o termo Queer (origem inglesa) era utilizado de forma pejorativa, com um sentido original ofensivo (significa esquisito ou estranho), porém a palavra na atualidade ganhou outra significação (agora positiva), onde a questão da identidade sexual é desnaturalizada, fugindo dos padrões normativos binários.

Assim, identidade de gênero trata-se de algo formado com o decorrer do tempo, ou seja, através de experiências diretas e indiretas, sendo algo inato e nas relações de gênero e identidade sexual. Portanto, o indivíduo se identifica e se forma em determinado gênero, homem ou mulher cis, ou transgênero (GONÇALVES e GONÇALVES, 2021).

Assim, a identificação de gênero vai muito além de apenas o indivíduo se reconhecer, mas também ser reconhecido por aquilo que deseja ser reconhecido, antes de tudo é observar a capacidade humana de se adaptar e se reconhecer, é entender as relações humanas e para isto, é necessário que a ótica aplicada não possua preconceitos ou rotulações (GONÇALVES e GONÇALVES, 2021).

Conforme o abordado aqui, o sexo biológico é diferente do gênero, o primeiro trata-se da característica corpórea do indivíduo e o segundo, trata-se da identificação do indivíduo durante a vida. Porém, o padrão heteronormativo impõe apenas duas possibilidades para o indivíduo, que é seguir o sexo de nascimento.

Dessa forma, o movimento feminista acabou englobando e lutando junto as causas LGBTQIA+, pois as mulheres são desde a antiguidade vítimas de violência e do próprio machismo, ainda que a violência empregada não seja física, ela possui um cunho psicológico

ou sexual, para compreender esse fenômeno é necessário o conhecimento do sexismo, onde a mulher é vista como mera reprodutora (PAULINO-PEREIRA, SANTOS, MENDES, 2013).

Por isso, entender a posição da mulher, permite entender também a identificação do movimento feminista com as outras pautas de defesa de minorias, embora haja diferenças físicas entre ambos os sexos, a construção social e cultural colocou a mulher em uma posição de inferioridade perante o homem (ANJOS, 2000).

## 2.3 Microagressões

Atualmente a sociedade em geral e as organizações, têm se preocupado com assuntos ligados à Diversidade e a Inclusão, dito isto, um assunto que vem sendo tratado em relação às questões de gênero é a respeito das violências psicológicas, decorrentes de uma sociedade machista e patriarcal, como as microagressões de gênero que são, segundo Martins, Lima e Santos (2020, p. 2794), "insultos verbais ou comportamentais, intencionais ou não, que comunicam ofensas raciais hostis, depreciativas ou negativas a uma pessoa ou a um grupo-alvo", ainda segundo as autoras Washington, Birch e Roberts (2020, p. 2), "como sugere o nome, as microagressões parecem pequenas; mas agravadas ao longo do tempo, elas podem ter um impacto deletério na experiência de um funcionário, saúde física e bem-estar psicológico." podendo causar efeitos devastadores em quem sofre esse tipo de agressão.

Em tratando-se da questão das mulheres essas sofrem de microagressões de gênero seja no ambiente social e familiar, como também no ambiente de trabalho, alguns tipos de microagressões conhecidas segundo Barros e Busanello, torna-se,

> invisível até mesmo para suas próprias vítimas, pois se trata de uma forma de dominação que se estabelece pelas vias simbólicas da produção de representações e de imagens. No caso das mulheres, imagens de sensibilidade, de delicadeza, de submissas e de sujeitos sem habilidade para o uso público da palavra, devido ao suposto caráter emocional de suas intervenções discursivas. (BARROS, BUSANELLO, 2019, p. 2)

Seguindo este mesmo raciocínio, existem às violências estruturais, como, machismo, preconceito e discriminação relacionados todos às mulheres, sendo o machismo uma aversão a tudo que é feminino. Segundo Barroso (2021, p. 399), as violências estruturais são aquelas que não aparecem de forma direta, mas também de forma indireta, são classificadas como impessoais e acabam sendo tidas como comportamentos "normais" e "relevados" por parte da sociedade, podem ser definidas como "visíveis" ou "veladas" e podem surgir de ações individuais ou coletivas, atividade institucional privada ou estatal, ou pelas relações sociais.

Em se tratando de microagressões destinadas às mulheres sejam em seu ambiente social, familiar ou laborativo, muitas vezes veladas e com tom de brincadeira ou sarcasmo, piadas de mal gosto ou comentários maldosos, praticados consciente ou inconscientemente, até frases tidas como bem-intencionadas podem carregar preconceitos denominados vieses inconscientes, como por exemplo:

- "Mulher no volante, perigo constante!" (esse tipo de frase remete ao fato que dirigir não é uma atividade para mulher),

- "Lugar de mulher é na cozinha!" (remetendo a questão que mulheres não podem interferir em assuntos considerados para homens),

- "Está irritada, porque está de TPM hoje!" (remetendo ao fato que sua uma mulher está com estado emocional diferente do habitual é por questões relativas ao fato de a mulher menstruar e nesse caso estar de TPM),

- "Isso é coisa de mulher!" (remetendo ao fato de existirem atividades distintas para homens e para mulheres, e no caso para mulheres atividades que não são consideradas a realização por homens, como por exemplo, limpar a casa),

- "Tá mais cheinha, tá grávida?" (fazendo uma crítica ao corpo da mulher e ao fato que se engordou é porque está grávida).

Os vieses inconscientes representam, segundo a autora Silveira (2019, p. 05) "um preconceito inconsciente, sutil, não intencional, automático, de forma menos declarada, criando mecanismos de expressão que não ferem abertamente essas normas, e atualmente denominado viés inconsciente", como por exemplo, preconceitos implícitos: preconceitos de gênero, idade, aparência etc.

Retornando ao tema de microagressões, segundo os autores, Martins, Lima e Santos (2020, p. 2794), "estudos têm sugerido que a exposição a determinados tipos de discriminação pode variar de acordo com o gênero", ainda nos mesmos autores encontramos que:

> Especificamente no campo de estudo das microagressões, uma crítica frequente é o fato de a maioria dos estudos serem desenvolvidos no intuito de avaliar somente a forma como as microagressões são desencadeadas pelas identidades singulares de um indivíduo, ser mulher ou ser negro, de forma separada, em vez de entender como as intersecções das múltiplas identidades podem afetar as experiências de microagressão de um indivíduo, como ser mulher e negra. (MARTINS, LIMA, SANTOS, 2016, p. 2794)

Alguns tipos de microagressões, consideradas também violências psicológicas que segundo os autores Kosak, Pereira e Inácio (2018, p. 251), acontecem silenciosamente e são difíceis de detectar e se apresentam de forma indireta, principalmente relacionadas ao gênero feminino, vêm sendo discutidas na sociedade, são elas: *Mansplaining, Manterrupting, Gaslighting e Bropriating.*

O *Mansplaining*, é uma junção das palavras inglesas *man* + *explaining*, ou seja, explicação do homem, e acontece quando o homem explica a mulher coisas que ela tem mais domínio que ele próprio, segundo os autores Kosak, Pereira e Inácio (2018, p. 251), "refere-se a uma fala didática direcionada à mulher, como se ela não tivesse a capacidade de compreender ou executar determinada tarefa, justamente pelo fato de ser mulher." Ainda de acordo com Nóbrega, Araújo e Gama (2019, p. 4), " acontece quando um homem perde tempo explicando algo óbvio a uma mulher, como se ele achasse que sabe mais sobre o assunto do que é como se ela tivesse extrema dificuldade em entender".

O *Manterrupting* que nada mais é do que a interrupção do homem, ou quando o homem interrompe, segundo Nóbrega, Araújo e Gama (2019, p. 4), "ocorre quando um homem

interrompe constantemente uma mulher, de maneira desnecessária, não permitindo que ela consiga concluir sua frase". Nesse caso o homem interrompe por diversas vezes a fala da mulher interrompendo a conclusão de sua fala ou raciocínio.

O *Gaslighting* significa luz do candeeiro, e segundo Kosak, Pereira e Inácio (2018, p. 251), "consiste em uma forma de violência na qual o agressor tenta fazer, através da distorção de fatos e omissão de situações, com que a vítima duvide de sua memória e sanidade, passando a duvidar de seu senso de realidade e percepções". Ainda segundo os autores Nóbrega, Araújo e Gama (2019, p. 4), "é um abuso psicológico que faz com que a mulher acredite que está equivocada sobre um assunto ou até mesmo que enlouqueceu, sendo que ela está certa, o que a faz duvidar do seu senso de percepção, raciocínio, memórias e sanidade". Para tanto, segundo os mesmos autores, são usadas frases do tipo: "não surta!", "não pode mais brincar com ela!", "você exagera muito!".

O *Bropriating*, de acordo com Nóbrega, Araújo e Gama (2019, p. 4), "ocorre quando um homem repete a ideia de uma mulher e toma o crédito para ele". O Bro vem de *brother*, irmão e o *apropriating* de apropriação.

Segundo os autores, Kosak, Pereira e Inácio (2018, p. 251) às micro agressões citadas são principalmente praticadas no ambiente organizacional, "formas de violência, assim como todo tipo de violência psicológica diminuem a autoestima da mulher, fazem com que ela perca a confiança em si mesma, trazem grandes prejuízos à saúde mental das mesmas bem como prejudicam sua vida social e laboral".

Ainda se tratando do ambiente organizacional estudos revelam que esses tipos de violência "veladas" contra à mulher, essas microagressões como o *Mansplaining, Manterrupting, Gaslighting e Bropriating*, praticadas principalmente em função de gênero, afetam e prejudicam o desempenho dessas mulheres uma vez que podem influenciar no psicológico e autoestima dessas mulheres em muitos dos casos levando à depressão, alguns tipos de violências são manifestadas também nas diferenças salariais entre homens e mulheres na ocupação de atividades de mesmo nível e complexidade, na dificuldade do acesso da mulher a cargos de liderança, por exemplo, de acordo com Martins, Lima e Santos (2020, p. 2796), "De fato, alguns estudos internacionais têm indicado que a percepção mais frequente de discriminação está relacionada com piores níveis de saúde mental e também com níveis mais baixos de autoestima".

Torna-se necessário que a partir da disseminação do conhecimento ligados às abordagens feministas por meio da conscientização do movimento para a sociedade, passando pelo ambiente corporativo, consigam plantar uma semente, para que tais tipos de violência não sejam mais aceitas no contexto social e organizacional em que vivemos.

## 3. METODOLOGIA

A pesquisa aplicada neste ensaio foi uma pesquisa qualitativa, baseada em estudos bibliográficos com auxílio de livros e artigos relacionados aos temas abordados. Lanka et al. (2022), explicam que pesquisa qualitativa possui uma característica diferencial para o âmbito dos estudos administrativos e organizacionais, pois ajudam a perceber os reflexos sociais dentro das organizações, trazendo validade e valor por possuir um caráter exploratório.

O estudo foi desenvolvido por meio de bibliografias dispostas em plataformas digitais, sendo elas Scielo, Spell, Web of Science e Google Academic e pesquisa foi realizada entre os meses de janeiro a abril do ano de 2022, procurando por materiais recentes e antigos que fossem relevantes para o tema a partir de palavras chaves como: abordagens feministas, microagressões de gênero, mulheres no trabalho, gênero e feminismo.

Segundo a Martins e Theóphilo (2016) uma pesquisa bibliográfica é uma estratégia que se faz presente nas pesquisas científicas, pois auxiliam na condução da mesma e ajudam a criar uma construção teórica do que está sendo estudado. Além disso, os autores afirmam que a pesquisa bibliográfica possui a intenção de explicar e discutir o tema com bases em referências que podem ser encontradas em revistas, livros, enciclopédias, periódicos, site, anais de congressos, entre outros meios de publicação. Cabe ressaltar que é muito importante que os autores procurem bases confiáveis para coletar seus dados e informações.

Com isto foi possível um entendimento um geral sobre fatores relacionados ao feminismo, ao gênero e às micro agressões de gênero, partindo das perspectivas de autores e fontes que são importantes para os temas abordados. A construção e ordem do referencial teórico se deu de maneira a facilitar o entendimento do leitor para a concretização dos três tópicos trabalhados no próximo tópico deste ensaio teórico.

Assim, para uma análise com base teórica, as autoras buscaram correlacionar os temas trazidos no referencial teórico com a organização. Com isso, o objetivo delas foi observar como cada tema é percebido dentro das organizações, com base nos estudos coletados das plataformas digitais anteriormente citadas.

## 4. DISCUSSÃO

### 4.1 O feminismo e a organização

Quando se fala de mulher na organização, diversas questões são abordadas, como por exemplo a colaboradora que também é mãe, que é casada, ou solteira, que tem a vida social ativa, ou não, e nesses quesitos é possível reparar que, em alguns momentos, questões que não possuem relações diretas com a profissional que ela é, são motivos para julgamentos de como ela será como profissional e colaboradora.

Como mencionado por Araújo, Heber e Batista (2020), o feminismo busca por direitos iguais entre homens e mulheres na sociedade, principalmente por situações parecidas com a que foi relatada no último parágrafo. Nas organizações essa busca acontece nos salários, nas tratativas e nos benefícios e no dia a dia em geral das organizações (COSTA, 2003). Desde que as mulheres ingressaram nas organizações, elas estão constantemente tendo que provar suas capacidades, que, por muitas das vezes, é questionada pelo fato de serem mulheres e nada mais, como Kanan (2010) cita em seus estudos sobre o tema.

Outra questão válida de ser mencionada é que, entendendo que existem estas questões de discriminação dentro das organizações, as mesmas procuram por ações de conscientização e grupos que debatem sobre diversidade, como Miltersteiner et al. (2020) abordam em seus estudos sobre mulheres na organização. Entretanto, esta prática é mais facilmente encontrada dentro das grandes organizações, nem todas as empresas visam ou estão preparadas para abordar e discutir estes assuntos com seus colaboradores.

### 4.2 O gênero e a organização

Conforme o abordado neste ensaio teórico, a condição feminina e de indivíduos que não se incluem no padrão heteronormativo é de (em regra) subalternidade ao homem e isso vem de uma condição histórica de supremacia masculina. Vale ressaltar que a maioria dos indivíduos presentes em cargos de chefia ou liderança são do padrão heteronormativo (normalmente homens brancos, cis e heterossexuais).

Segundo Barbosa et al (2019) os indivíduos que estão no grupo LGBTQIA+ sofrem a imposição de se encaixarem nos dois gêneros mais comuns, conforme a imposição da sociedade patriarcal. Pode-se exemplificar pelas pessoas incluídas nos grupos dos transexuais, que em sua maioria estão marginalizadas pela sociedade, sendo assim necessário políticas de inclusão.

Embora este ensaio teórico tenha sido direcionado a questão das mulheres, as microagressões estão presentes em qualquer questão de gênero, onde todos aqueles que não estão presentes no padrão patriarcal são vítimas de piadas e comentários maldosos e ainda que não sejam de forma direta, são os insultos que depreciam a presença do indivíduo (MARTINS, LIMA E SANTOS, 2020).

### 4.3 As microagressões e a organização

As construções sociais baseadas em uma sociedade patriarcal, principalmente ligadas às questões de gênero, como o machismo, presente em diversas esferas da nossa vida social e voltadas principalmente para a questão de aversão ao feminino, não só das mulheres em si, mas em alguns casos membros da comunidade LGBTQIA+ fundamentadas em um único ponto de vista, o masculino, ocasionam problemas como as conhecidas violências estruturais e psicológicas apresentadas anteriormente, favorecendo o gênero masculino em detrimento do feminino.

Nesse sentido as microagressões de gênero voltadas para o público feminino e que antes eram normalizadas a partir dos nossos vieses inconscientes, tem sido cada vez mais discutidas na sociedade, de modo a tentar romper com os comportamentos prejudiciais principalmente às mulheres em todos seu contexto social e laborativo, buscando romper com o paradigma de dominação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado no texto, foi apresentado que a questão de gênero está entrelaçada à sociedade desde os tempos antigos, apresentada por diversos pensadores clássicos e teve diversas modificações durante o tempo e assim, durante os séculos a figura feminina por vezes foi desvalorizada e tratada como inferior ao homem. Atualmente a definição de gênero não é algo generalista, mas variável, onde o indivíduo que nasce com um gênero tem a possibilidade de transição através do tempo (NOGUEIRA, 2001). Ou seja, a definição do tempo passou a ser algo relativo à construção social e cultural do que uma definição atribuída a uma genitália (PAULINO-PEREIRA, SANTOS e MENDES, 2013).

Dessa forma, a definição de gênero é na realidade uma construção social e cultural e atrelado a isto, há também a questão do preconceito e as imposições dos padrões

heteronormativos, que impõem que a homossexualidade é algo errado e que a mulher deve ser submissa, colocando assim o homem hétero como o centro de toda a sociedade. (GONÇALVES e GONÇALVES, 2021).

Visto isso, o feminismo acabou, portanto, englobando outras lutas como a causa LGBTQIA +, pois as mulheres desde o início da sociedade são vítimas do machismo e da imposição masculina (PAULINO-PEREIRA, SANTOS e MENDES, 2013). O movimento surgiu com a união das mulheres para que buscassem e lutassem pelos seus direitos, o que trouxe diversas mudanças sem precedentes na sociedade, o movimento é reconhecido por todo mundo (DUARTE, 2003). Ainda que grande parte das conquistas tenham sido feitas, o movimento ainda é atual e que se renova a cada dia.

Portanto, a presença feminina ainda é recente em diversos campos da sociedade e o sexismo/machismo ainda infere muitas microagressões e conforme o texto, não se trata apenas de agressões físicas ou verbais, mas também de crenças limitantes que segundo Lima e Santos (2020) podem ser intencionais ou não, porém, depreciam e inferiorizam a presença da mulher. Para trabalhos futuros, sugere-se que sejam investigadas a presença de mulheres em cargos de liderança, a presença de pessoas trans no mercado de trabalho e sobre a percepção LGBTQIA + sobre o mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ANJOS, G. dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, p. 274-305, 2000.

ARAUJO, I. M. S., HEBER, F., e BATISTA, K. “Mulheres No Comando: Características E Singularidades Da Gestão Executiva Feminina”. Revista Gestão & Conexões, vol. 9, nº 1, janeiro de 2020, p. 73-98, doi:10.13071/regec.2317-5087.2020.9.1.27530.73-98.

BARROSO, M. F. Violência estrutural: mediações entre “o matar e o morrer por conta”, **R. Katál.** v.24, n. 2, p. 397-406, 2021.

BORGES, A. L. V. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. **Rev. Esc. Enferm.** USP, p. 597-604, 2007.

BUSANELO, E. BARROS, A. T. de. Machismo discursivo: modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro. **Revista Estudos Feministas**. v. 27, n. 2, p.1-15, 2019

BUTLER, J. **Problemas de Gênero, feminismo e subversão da identidade.** Civilização Brasileira. 21.ed. Rio de Janeiro. 2021.

CARLOTO, C. M.. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serv. Soc. Rev**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001.

CERCHIARO, I. B.; AYROSA, E. A. T.; ZOUAIN, D. M. A aplicação de abordagens feministas na pesquisa em administração. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 4, p. 649 a 664, 2009. Disponível em:

https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5135. Acesso em: 25 abr. 2022.

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**. p. 1-20, 2003.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados [online]. 2003, v. 17, n. 49 [Acessado 25 Abril 2022] , pp. 151-172.

FOUCAULT, M. **The History of Sexuality**, Vol. 1. London: Allen Lane. An introduction, 1979.

GONÇALVES, M. C.; GONÇALVES, J. P. Gênero, Identidade de Gênero e Sexualidade: Conceitos e determinações em contexto social. **Revista Ciências Humanas-Educação e Desenvolvimento Humano**, v. 14, p. 25, 2021.

KANAN, L. A.Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 53, art. 1, p. 243-257, 2010.

KOSAK, M. M. PEREIRA, D. B. INÁCIO, A. A. Gaslighting e mansplaining: As formas da violência psicológica. **V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS**. v. 5, p. 251-262, 2018.

LANKA, E.; ROSTRON, A.; SINGH, P.; LANKA, S. Introdução à chamada de artigos tutoriais de pesquisa qualitativa em estudos de administração contemporânea para edição especial da RAC: um editorial. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. 4, p. 0-210333, 2022.

LOURO, G. L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: **Autêntica.** p. 151-172, 2000.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 3. ed. São Paulo, 2016.

MARTINS, T. V. LIMA, T. J. S. de. SANTOS, W. S. S. O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.25, p.2793-2802, 2020.

MENEGHETTI, F. K.. O que é um ensaio-teórico. **ANPAD/RAC**. v.15, n.2, p. 320-332, Curitiba, 2011.

NOBREGA, M. B. ARAUJO, R. L.F. de. GAMA, L. G. P. Práticas contemporâneas de desigualdade de gênero e qualidade de vida no trabalho no serviço público. **Revista Administração Educacional.** v.10 n. 1 p. 129-146, 2019.

NOGUEIRA, C. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social, 2001.

PAULINO-PEREIRA, F. C; SANTOS, L. G. A. dos; MENDES, S. C. C.. Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

REVISTA GALILEU. 6 pensadoras feministas que você precisa conhecer. 10 de março de 2020. https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/6-pensadoras-feministas-que-voce-precisa-conhecer.html Acesso em: 21 de abril de 2022.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista internacional de direitos humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

SAFIOTTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência.** ed: Expressão Popular. 2. ed. São Paulo. 2015

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, , p. 71-99, 1995.

SILVEIRA, M. L. da. Os programas de diversidade e inclusão das Big Four: um olhar sobre a abordagem dos vieses inconscientes. UNIVALI - PMPGIL p. 01-13, 2019.

WASCHBURGER, C. S. Assunto para Criança: como o desenho animado Steven Universe subverte normas sociais de gênero e identidade sexual. In: **Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação-41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–Joinville, SC–2 a**, 2018.

WASHINGTON, E. F. BIRCH, A. H. ROBERTS, L. M. When and How to Respond to Microaggressions. **Harvard Business Publishing**. p. 01-07, 2020.